

**Atenáia Feijó e José Moure descrevem os primeiros impactos da civilização sobre um território do extremo norte do Brasil que abriga uma das maiores jazidas de urânio e de cassiterita do mundo**

# RORAIMA

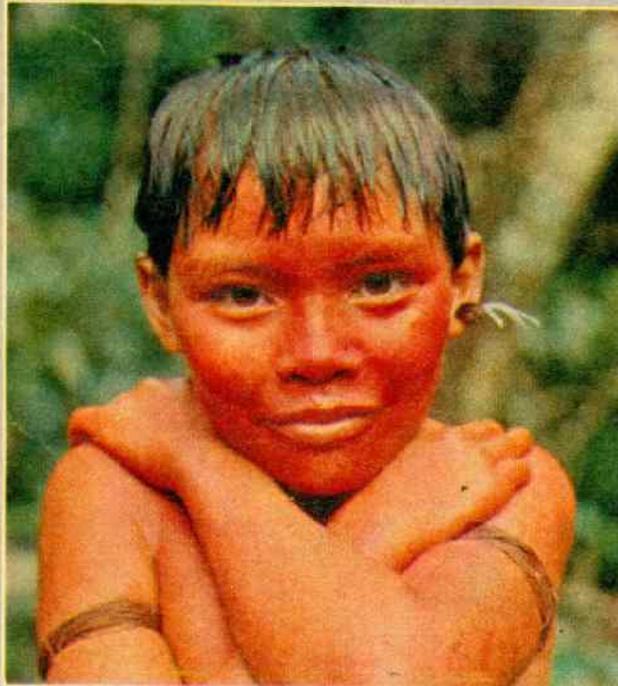
## Viagem à terra de Macunaima

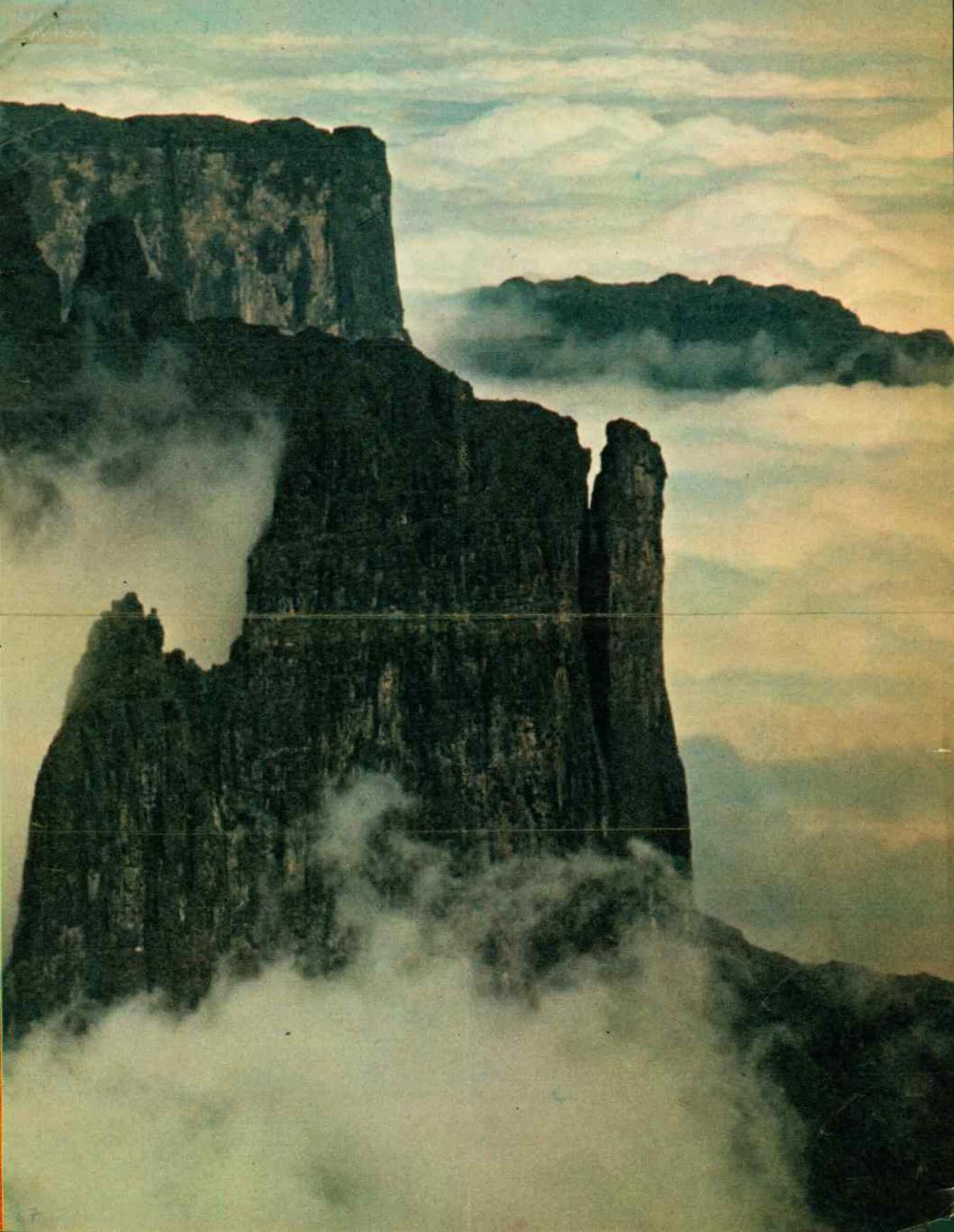


**N**O fim do Brasil, exatamente a 3.400 quilômetros em linha reta do Rio de Janeiro, encontra-se o berço do lendário Macunaima, inacessível à grande maioria dos brasileiros. Fica no Território de Roraima. Maior que o Paraná, o território possui 230.104 quilômetros quadrados, ocupados por menos de 60 mil habitantes, dos quais cerca de 22 mil são índios. Para a gente de Macunaima que não teve ainda acesso ao progresso da chamada civilização, "o vento faz a curva em Manaus". Boa Vista, capital moderna e bem planejada, é um ponto de encontro de antropólogos, geólogos, missionários, militares, políticos, diamantários, garimpeiros, pecuaristas e aventureiros que procuram um destino naqueles paraísos perdidos. A topografia do território, extremamente variada, permite que cerca de 36 mil km<sup>2</sup> de campos naturais se alternem com montanhas cobertas de florestas virgens e serras de formação vulcânica. O grande motivo de orgulho dos roraimenses são as 330 mil cabeças de gado que existem no Território. "Aqui o homem foi criado pelo boi", afirma um observador filósofo, segundo o qual as autoridades locais dão mais atenção aos bovinos do que à própria população indígena. Esta reportagem é um longo passeio por Roraima, entre os aventureiros, os missionários e a gente de Macunaima.

SEGUE

**Os Lavindo,** diamantários e fazendeiros, o índio fenamatheri da serra do Surucucu e os dois compradores de cassiterita povoam esta região distante onde o pico de Roraima, coberto de névoa, se ergue como sentinela à entrada do Brasil.





## RECORTADA por centenas de lagoas, a região das savanas, em Roraima, se estende até o sopé das montanhas

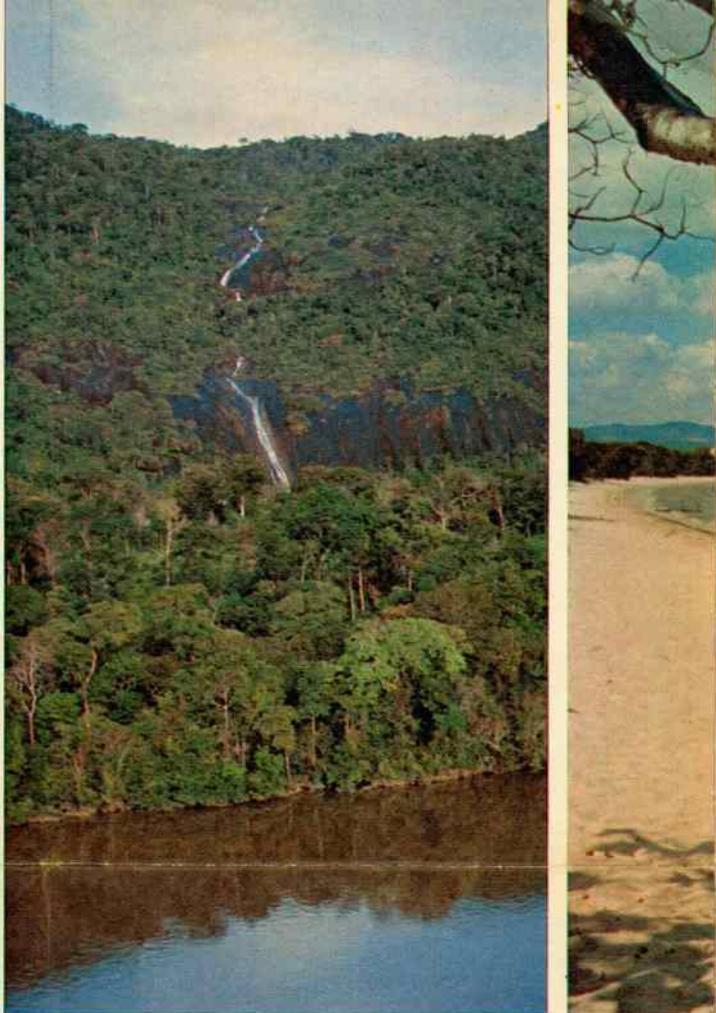
**P**ARA se chegar ao Território de Roraima, Manaus é escala obrigatória. Primeiro, porque não há vôo direto. Depois, porque realmente não há pressa alguma. A fiscalização na Zona Franca atrasa regularmente o horário de partida dos aviões. A pista bem pavimentada do **aeroporto internacional** de Boa Vista é a única via de acesso de Roraima para o resto do Brasil. Subir o rio Branco nos pequenos barcos cargueiros que passam 10 dias numa paisagem feita apenas de água e mata, seria uma aventura. Naquela região longínqua ainda sobrevivem as lendas indígenas ou histórias de assombração que fazem parte do folclore caboclo. Na savana, são raros os visitantes que não se assustam ao ouvir falar da **cruviana** que rola pela madrugada. Na realidade, trata-se apenas do vento frio que remexe os campos no meio da noite acordando os vaqueiros. A região das savanas está situada entre as últimas camadas da floresta amazônica e as primeiras ondulações do sistema orográfico das Guianas. Algumas vezes lembram os pampas gaúchos, outras o pantanal mato-grossense. Recortadas por centenas de lagoas e milhares de buritizaes que se estendem em filas ao longo dos igarapés, as savanas se espraiam numa altitude quase constante, entre 140 e 160 metros. Ao norte do Território elas chegam até o sopé das montanhas. A vegetação característica da região compõe-se de **caimbés**, de troncos e galhos retorcidos que lembram um pouco plantações de oliveiras. Há também pequenos capões de mato próximos aos rios e igarapés, formando pequenos bosques que na linguagem da região recebem o nome de **ilhas**.

**O**S campos formados nas clareiras que se abrem de vez em quando no meio da floresta, são chamados de **campiranas**. A viagem pelo Território de Roraima é uma sucessão continua de surpresas. A serra do Surucucu, por exemplo, situada na região do alto rio Parima, quase à fronteira oeste com a Venezuela, é uma surpresa à parte. Habitada por índios primitivos, totalmente inóspita e selvagem, durante 12 anos esteve dominada exclusivamente pelos missionários norte-americanos da Missão Evangélica da Amazônia — MEVA. — Mas, a partir do ano passado, com a descoberta da cassiterita, a área conheceu uma

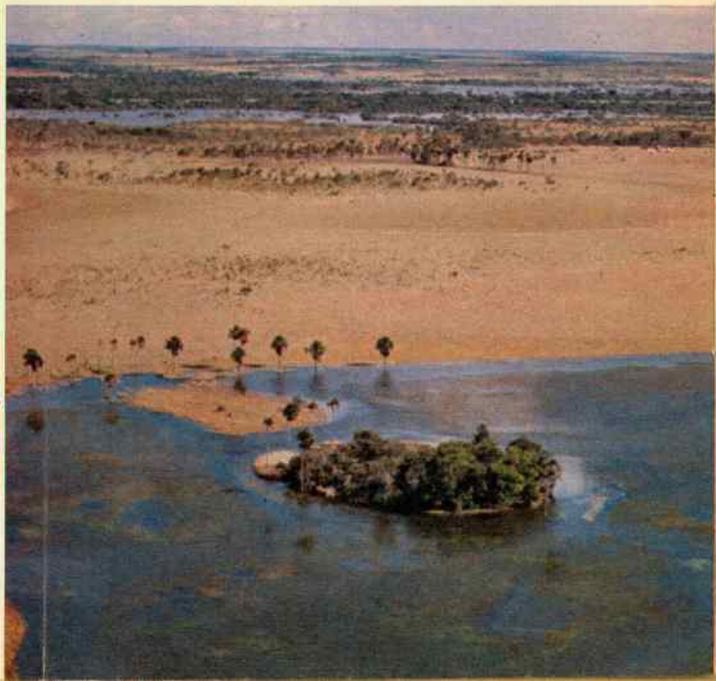
verdadeira invasão de garimpeiros. Há alguns meses, entretanto, com a instalação de um posto indígena naquela área, a serra do Surucucu passou a ser controlada diretamente pela Funai. Para entrar naquela zona, precisávamos de uma autorização pessoal do Governador Fernando Ramos Pereira. Um de seus assessores avisou cortesmente que “aquela área é de interesse pessoal de Sua Excelência”. Formado em comunicações pela Força Aérea Americana, — **Air Training Command Scott Air Force—Base**, o governador, antigo coronel-aviador da FAB, é a maior autoridade daquele Território. No palácio reina um ambiente de disciplina relativamente rígida e os funcionários adotam uma atitude de respeito formal cada vez que aparece o coronel. Fernando Ramos Pereira não perdeu sua paixão pela aeronáutica e costuma tomar os comandos de um bimotor, no qual realiza às vezes algumas exibições meio acrobáticas, para suas inspeções periódicas. Longe de esconder seu **hobby** predileto, o coronel fez construir em Boa Vista um campo de aeromodelismo, onde é visto, nos momentos de lazer, se distrair com seus “aviõezinhos de brinquedo”.

**C**ONSEGUIMOS com o secretário de Segurança uma autorização especial para permanecer 72 horas em Surucucu, onde chegamos num Cessna da **Asa do Socorro** que serve normalmente à MEVA, com a aprovação da Infraero. Com a Funai não tivemos o menor problema. Durante hora e meia sobrevoamos florestas e montanhas permanentemente cobertas de nuvens, até atingirmos a pista construída na laje escorregadia de um platô. Naquele aeroporto rudimentar, existem apenas três barracões. Não há ruas nem estradas. Das serras de cor verde-escura que se erguem em redor daquele pequeno planalto, vem uma ameaça permanente de chuva. Em volta do piloto, homens malvestidos debatiam, meio desesperados, para ver se conseguiam embarcar no avião de volta para Boa Vista. O piloto, um cidadão norte-americano, argumentava que “tinha ordens para não levar garimpeiro” e que viera apenas trazer os repórteres. Mas como na terra de Macunaima há sempre um jeito para tudo, quatro deles acabaram conseguindo embarcar.

SEGUIE

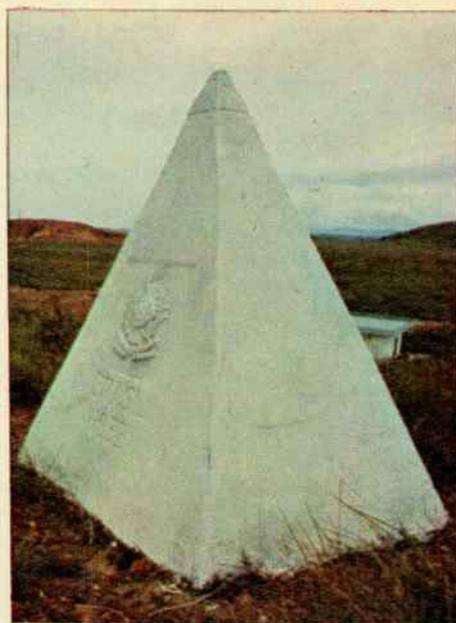
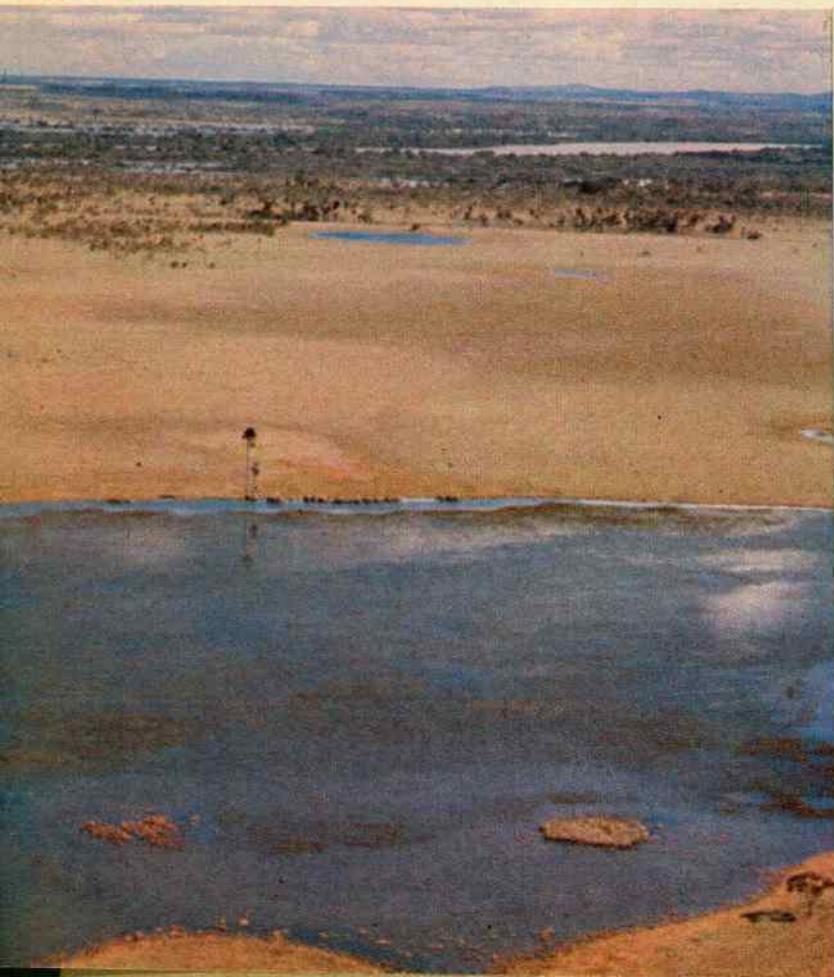


A paisagem de Roraima oferece sempre belos contrastes e dos morros cobertos de

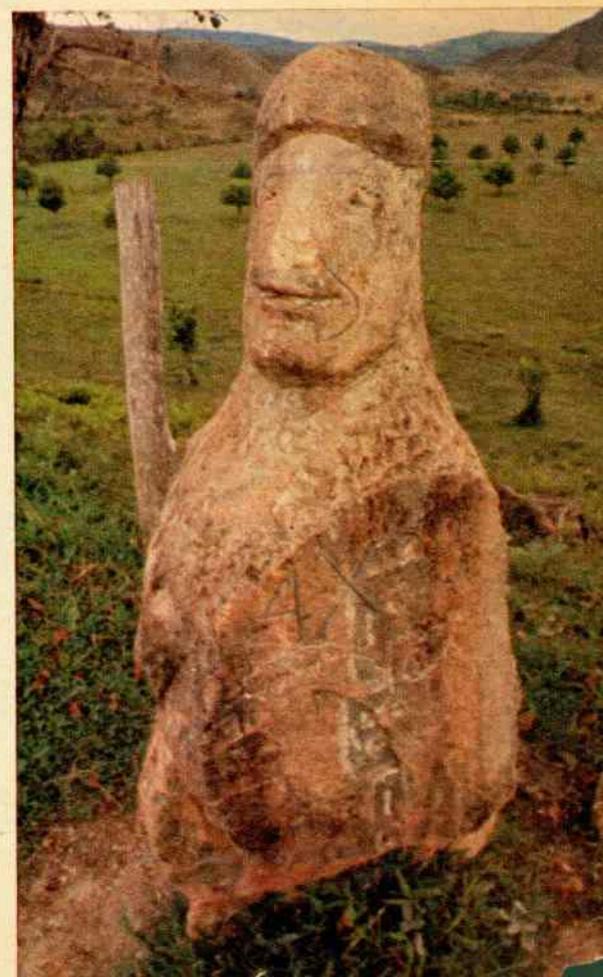


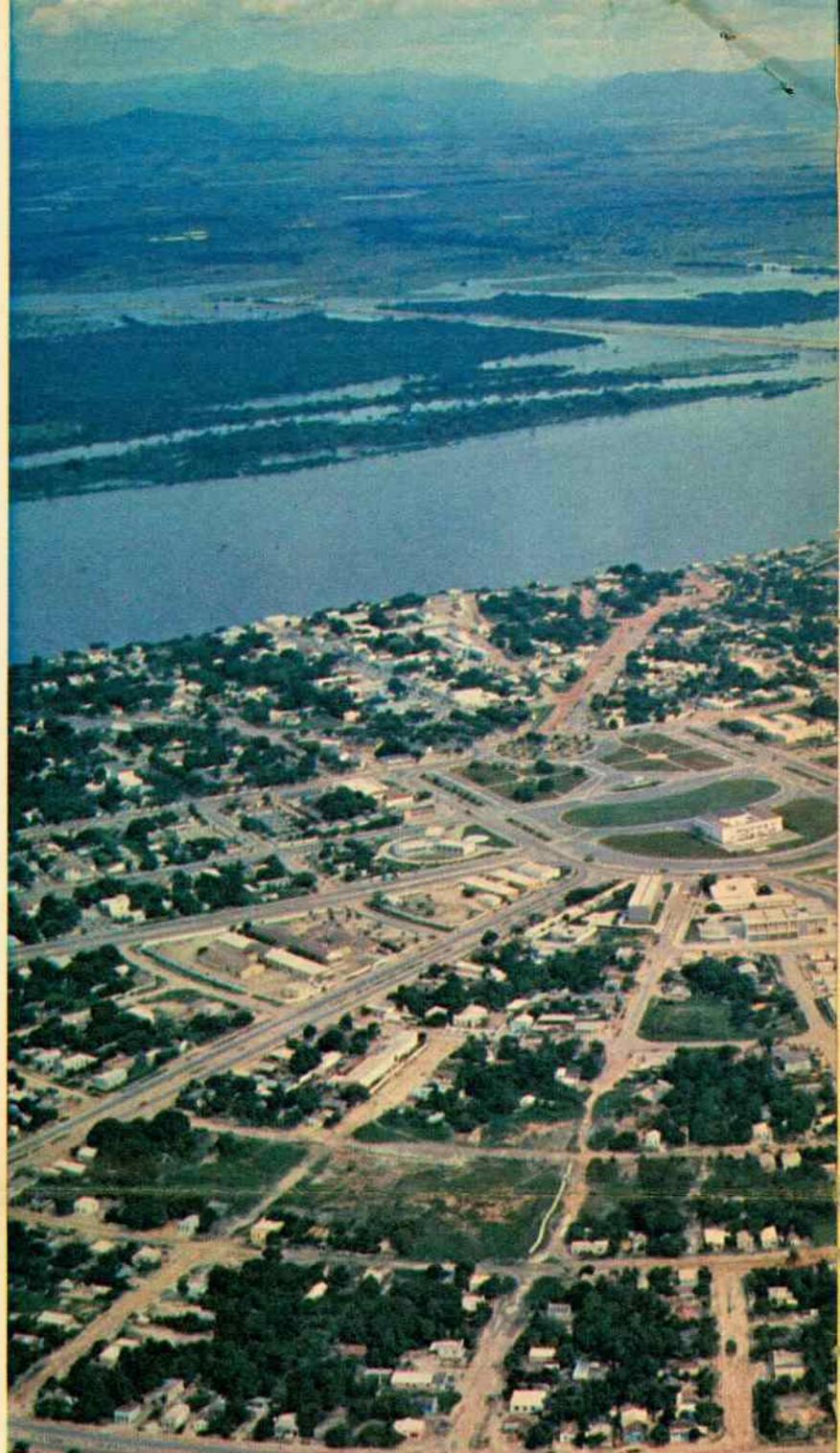


*selva surge às vezes uma cachoeira. Na planície, o lago Caracaranã surpreende com sua alva praia semicircular sombreada de cajueiros.*



**Durante a** estação das chuvas, as savanas que se estendem até a fronteira com a Venezuela se enchem de lagoas. Dois marcos fixam os limites entre os dois países, e, à altura do quilômetro 17 da BV-8, fica a cidade venezuelana de Santa Elena, onde a cultura indígena original permanece praticamente intata.



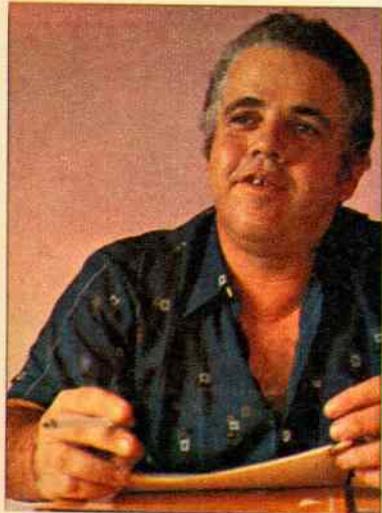


**Boa Vista** é uma cidade bem traçada (dir.) que possui um moderno aeroporto internacional (acima). A futura cidade de Caracarái (esq., alto) foi concebida





para receber os imigrantes esperados desde já em Roraima.



**Na Ponte dos Macuxis,** sobre o rio Branco, em Boa Vista, desfilam dezenas de motocicletas, a única solução para o transporte urbano da região. O delegado da FUNAI, José Carlos Alves (acima), procura defender os direitos dos índios e o Governador Fernando Pereira (dir.) quer acelerar o progresso.



## **A** riqueza do Território, além de gerar o desenvolvimento, atrai aventureiros e cria um clima de tensão

**N**O barraco que funciona como cantina, Antônio Santos, calção e botas de borracha, abre o rosto marcado pela idade e nos acolhe com um sorriso. Puxa logo conversa e vai contando a história do minério: "Foi o Brito Cabeça Branca quem chegou primeiro, em fevereiro do ano passado. Veio escondido com alguns amigos para procurar diamante e acabou encontrando a pedra preta. Levou para Boa Vista a amostra que foi parar no palácio do governo. Fizeram os testes e depois ficou comprovado que a pedra era cassiterita. A notícia se espalhou como pólvora e logo começou a invasão dos garimpeiros. Houve tempo em que se contavam mais de 500 homens por aqui. O Brito juntou um grupo e formou a Companhia Além-Equador Ltda., que passou a controlar o garimpo. No começo, a confusão era grande. Chegou a faltar comida e houve até ameaça de levante. Mas agora Surucucu está fechado, não entra mais ninguém. Nem mesmo para trabalhar. Há quatro meses que só faz sair gente. Só entra aqui pessoal da companhia e comprador de minério. Parece que são ordens do governador." A Companhia Além-Equador se autodefiniu dona da área. Mas, ao que se conta, não possui alvará para pesquisa nem autorização oficial para funcionar como empresa de mineração. Só quem pode conferir esta autorização é o Departamento Nacional de Produção Mineral. Todo o garimpo de cassiterita de Surucucu é controlado pela companhia.

**D**O outro lado da pista surge uma pequena fila de homens maltrapilhos, carregados de sacos, mochilas e bolsas de palha especiais, penduradas às costas, que são chamadas de **jamaxis**. Vieram das **grotas** para se reabastecer de comida na cantina do Antônio. O último a chegar é o baiano João Ferreira Lima, 58 anos. Põe por terra o **jamaxi** e vai pedindo arroz, feijão, farinha, sal, café, açúcar. Carne não tem. Endireita o chapéu posto meio de banda, coça as pernas magras, e revela com certa tristeza: "Tô pegando artrite nesta umidade da peste." João era catador de diamante nos garimpos da Bahia, de Goiás, "e de todo esse mundão brasileiro". Começou a catar cassiterita em Porto Velho. Veio para Surucucu por conta da Companhia Além-Equador.

Chegou em 27 de novembro de 1975 e um mês depois pegou pneumonia: "Fui para Boa Vista, me tratar. No começo do ano já estava de volta. De janeiro a março chegaram por aqui uns 435 garimpeiros. A comida não dava mais e a gente ia para o **tapiri** com as mochilas vazias. A **grot**a de São Geraldo fica distante três horas e meia daqui. Mas é preciso saber deslizar nesta lama." João explica que existem ao todo umas 12 **grotas**, garganta estreita por onde passa um córrego, entre dois morros. É lá que está a cassiterita e é lá que se quebra o cascalho. O trabalho é executado por grupos de cerca de 4 homens. O garimpeiro revela que uma **grot**a boa pode dar um lucro de até Cr\$ 20 mil por cabeça. Subtraindo as despesas com comida e transporte, a média de cada trabalhador pode chegar a uns Cr\$ 3 mil por mês. E surge então a expressão local: "Mas, quando dá blefe na cata a gente fica no prejuízo." Grot a ruim engana o garimpeiro.

**O** trabalho dos compradores é um pouco mais confortável mas exige também espírito de aventura. Benito Pascarine e Dionísio Paulo de Araújo trabalham para as duas multinacionais que aceitaram pagar o **royalty** exigido pela Além-Equador. O garimpeiro recebe Cr\$ 14,00 por quilo de cassiterita, que sai de Surucucu por Cr\$ 25,00 e é vendida em Manaus por Cr\$ 62,00. O teor de estanho da cassiterita de Surucucu se eleva acima de 98%. Depois de pesado, na frente dos garimpeiros, o minério é ensacado e transportado até um pequeno campo de pouso, em lombo de burros que são levados para lá de avião. Deste campo, um pequeno taxi aéreo conduz a carga até a pista principal do platô. Cada voo custa cerca de Cr\$ 2 mil. No platô, o minério é embarcado num DC-3 que tem capacidade de transportar para Boa Vista cargas de até 2.500 quilos. O frete para a capital custa Cr\$ 18.800,00 por viagem. Diante da situação geral, os agentes da FUNAI resolveram entrar em cena, e enviaram para a região os sertanistas Francisco Bezerra e Sebastião Amâncio, acompanhados do Subdelegado Carlos Marinho. Protegidos por um grupo de elementos da Polícia Federal armados de metralhadora, os agentes procuram levantar todas as irregularidades cometidas na área.

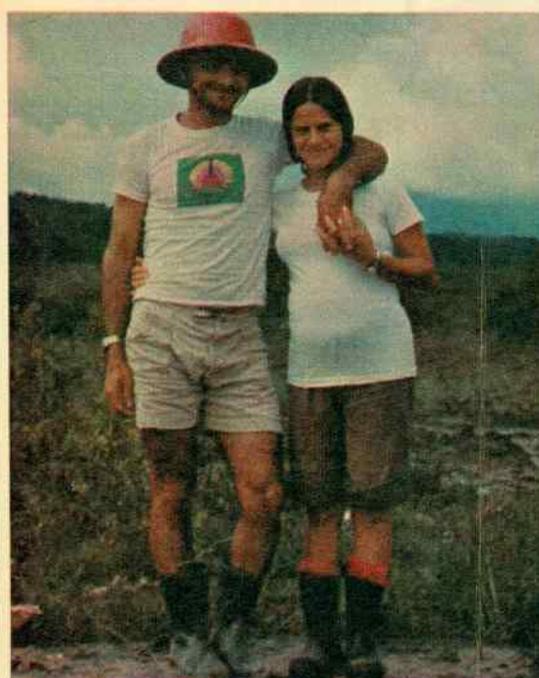
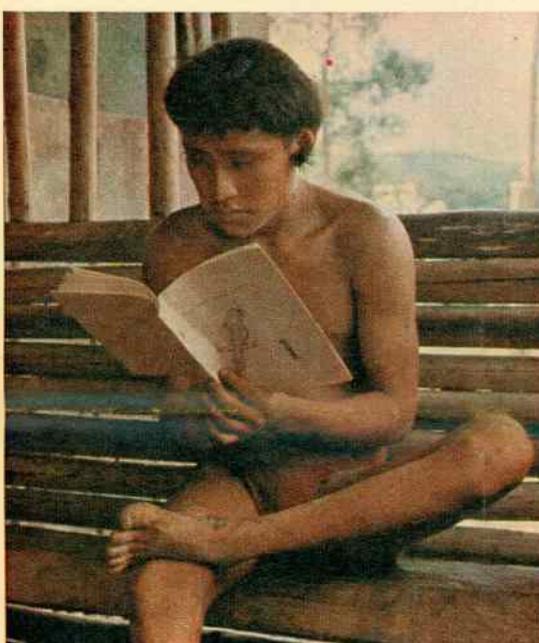
SEGUE

72 ABRIL  
1978  
ISA

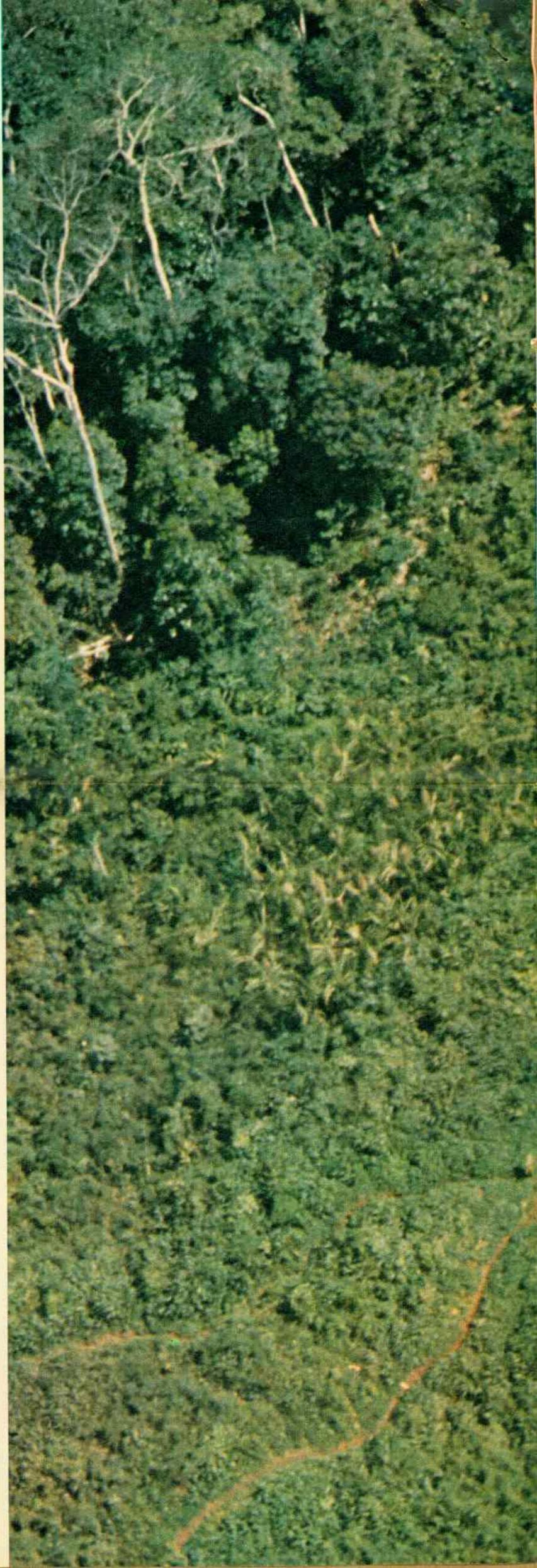
# O relacionamento desordenado entre índios e garimpeiros preocupa os sertanistas

**O**S comentários do Subdelegado da Funai procuram mostrar que, de acordo com a lei, os índios têm garantidos todos os direitos sobre as terras em que habitam. E José Carlos Marinho conclui: "Se fosse pelo menos a Vale do Rio Doce, uma companhia brasileira e devidamente legalizada, que explorasse racionalmente o minério em cooperação com a Funai, poderíamos aceitar, porque os impostos poderiam reverter para o patrimônio indígena. Mas desse jeito, no grito, é caso para o Conselho de Segurança Nacional." Alheios à exploração de suas terras, os índios continuam pela serra. Lá existem 16 aldeias do grande grupo Yanomami. São cerca de dois mil indígenas que vivem em Surucucu, num estágio de civilização ainda bastante primitivo, espalhados em pequenas aldeias, que se guerreiam constantemente. Alguns, que habitam malocas mais próximas da área onde está a exploração do mineral, já entraram em contato com os trabalhadores. É comum se encontrar índios parados junto às grotas, ou andando pelos tapiris. Pedem tudo o que vêem e às vezes chegam até a levar roupas usadas\* que o expõem ao contágio de certas doenças dos brancos contra as quais não possuem proteção natural. Esses índios são baixinhos — cerca de 1,50 m em média —, e têm um corpo franzino. Andam completamente despidos e são alvos de brincadeiras de mau-gosto. O resultado deste relacionamento desordenado poderá ser desfavorável aos primitivos donos da terra. Um dos garimpeiros, descrevendo os índios a um recém-chegado, dizia por exemplo que "usam a coisa amarrada com um cordão" e que "não entendem nada da língua brasileira". Contou ainda que um colega havia ensinado uma índia a tomar banho com sabão num igarapé. "Dava um beijinho na fêmea, bem encostadinho, e depois dava outro beijinho no marido, para o macho não se zangar." Alguns garimpeiros se encontram visivelmente atacados de tuberculose e outros se divertem fazendo gestos obscenos para os índios. Os sertanistas, preocupados com o problema, estão procurando uma solução urgente.

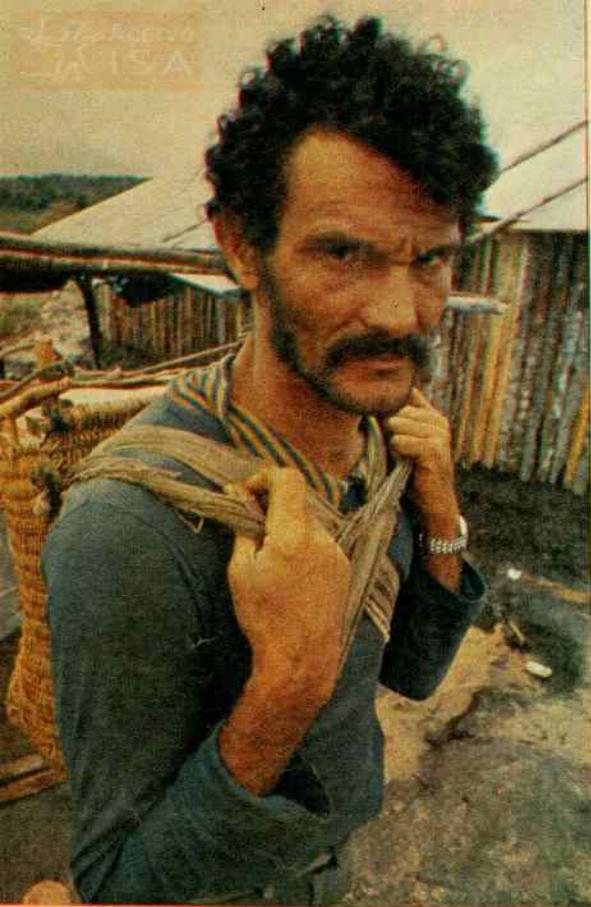
SEGUE



**Os missionários** americanos criaram um manual na língua nativa e procuram ensinar os índios fenamatheri a ler usando a Bíblia como cartilha. O sertanista Francisco Bezerra e sua mulher foram enviados pela Funai para estudar os problemas surgidos. Ao lado, maloca construída em paliçada: seus habitantes estão em guerra.







Na serra do Surucucu o garimpeiro transporta sua comida num jamaxi, espécie de saco de palha carregado nas costas. Do local onde está a cantina às grotas

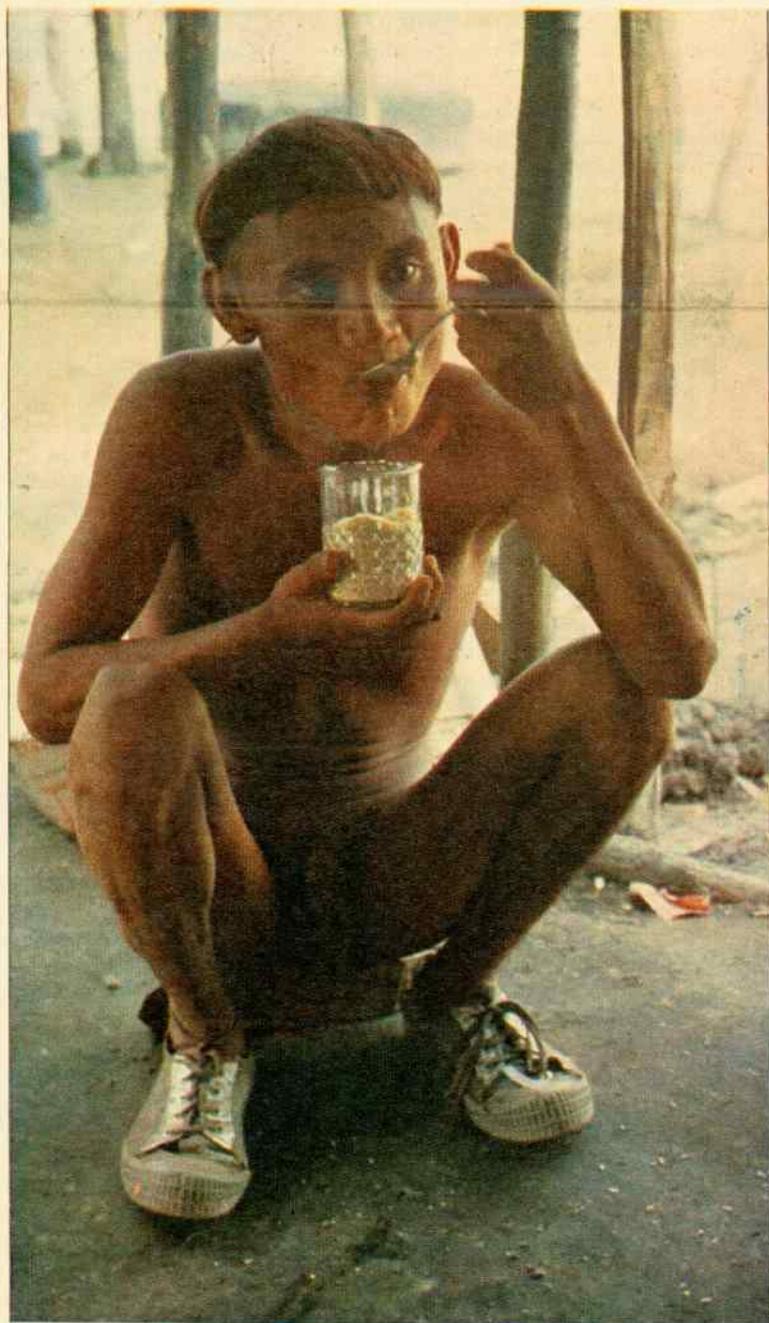


**Integrado na** sociedade como cidadão brasileiro, devidamente documentado, o wapixana Ricardo Aleixo recebeu do INCRA o título definitivo de posse das terras que pertenciam aos pais. Ele continua lavrando.





do garimpo, gastam-se várias horas em penosa caminhada.



Os empregados da fazenda Soapi são macuxis de uma maloca próxima que costumam frequentar a casa do fazendeiro (alto). Acima, o motorista do caminhão que transporta madeira para a Venezuela, numa parada na BV-8. Ao lado, um fenamatheri comendo farinha no tapiri dos catadores de cassiterita, em Surucucu.

## **N**o Universo dos Índios não existe noção de número. E eles não estão nem um pouco preocupados com o valor do dinheiro

**A** Funai montou um posto perto do platô da serra, e mantém contato permanente, através de um aparelho de rádio, com a delegacia de Boa Vista. O sertanista Francisco Bezerra fala correntemente o idioma yanomami e conhece muito bem o problema indígena. "O índio só ameaça porque já foi também ameaçado," diz ele. E acrescenta: "Quando o atacam, ele ataca também."

Longe do posto, cerca de duas horas e meia de caminhada por entre as colinas escondidas pela floresta, fica a Missão Evangélica da Amazônia. A selva da serra do Surucucu difere um pouco do conjunto da floresta amazônica. Embora possua também árvores gigantescas, não tem aquela famosa vegetação inferior de cipós e lianas que tornam o espaço impenetrável. Entre um tronco e outro, sob as copas imensas, estende-se uma delicada vegetação de plantas rasteiras e folhas aveludadas, entre as quais sobressaem avencas e samambaias. A fauna se compõe principalmente de pequenos animais que se mostram pouco, e de pássaros de cores e espécies mais variadas; borboletas, abelhas, aranhas e todos os tipos de insetos são os donos da mata. Mas é uma selva pacífica, onde até os piuns mordem pouco. Não fossem os igarapés e as ladeiras que se sucedem constantemente, caminhar pela floresta seria um passeio. Perto do posto da MEVA os pesquisadores do Projeto RADAM detectaram uma das maiores jazidas de urânio do mundo.

No posto, duas missionárias, Edith Moreira, brasileira, e Sandra Cue, norte-americana, procuram transmitir o Evangelho aos índios de Surucucu. Numa clareira inteiramente gramada, entre um pomar e uma horta, erguem-se oito casas rústicas de madeira, suspensas a meio metro do chão. As janelas e portas possuem telas de proteção contra os insetos. Algumas destas casas estão vazias: eram residências de missionários que abandonaram a missão. Outras funcionam como hospedarias para índios doentes ou de passagem. As duas missionárias são servidas por um casal de índios macuxis e estão em contato permanente com Roraima através de rádio. Graças a alguns arranjos originais, conseguiram um relativo

conforto, canalizando por exemplo a água colhida da chuva. Como as noites da serra são em geral frias e úmidas, eles providenciaram até equipamentos rudimentares para banho quente. Mas o trabalho principal de Sandra consiste atualmente em traduzir a Bíblia para a língua yanomami. Procura explicar:

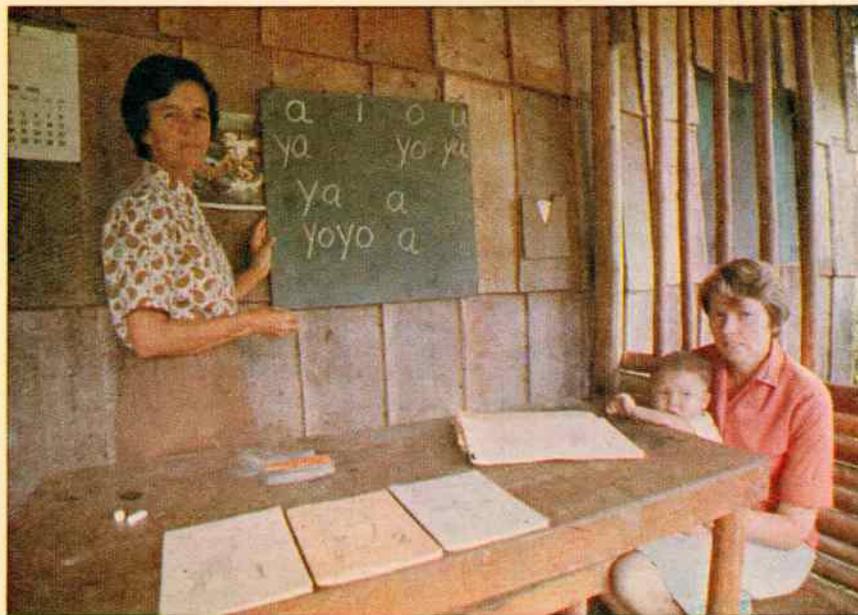
"Não se trata evidentemente de uma tradução literal. Quero deixar-lhes pelo menos o Novo Testamento, de modo que eles possam entender a mensagem sem precisar de um missionário. O versículo de Marcos que relata o medo dos discípulos durante uma tempestade, quando se encontram com Jesus dentro de uma canoa, diz por exemplo: 'Jesus lhes perguntou: porque não tendes fé?' Na nossa tradução, a pergunta fica assim: 'Pensam vocês que Deus vai deixar de nos proteger?' Também não podemos ameaçá-los com o inferno. Procuramos simplesmente mostrar que as doenças, por exemplo, podem ser um sofrimento que indica que eles precisam de Cristo. Quando chegamos, eles tiveram medo, pensaram que nós éramos espíritos do outro mundo." Sandra já está em Surucucu há 9 anos. Formada pelo Summer Institute of Linguistics, ela aprendeu yanomami com os próprios índios, tentando adivinhar o que eles diziam. Depois de dominar a nova língua, Sandra transpôs os sons para os símbolos gráficos e partiu para uma "cartilha ilustrada", usando um vocabulário que abrangia apenas o universo yanomami: mata, animais, caça, pesca, maloca. Edith ficou encarregada da parte prática e de ensinar os índios a ler. Mas, apesar de seus esforços, os resultados são bastante precários. Os índios interrompem as aulas, durante meses seguidos, por causa das guerras. As missionárias pretendem também ensinar aos indígenas algumas noções básicas do valor do dinheiro, para que eles não sejam enganados pelos brancos. Contam que, com a chegada da civilização, eles trocavam qualquer coisa por uma caixa de fósforos. Mas no universo dos índios não existem maiores noções de números. Eles só conhecem, da numeração, **um** e **dois** (mais de um) que quer dizer pouco ou muito. Eles não precisam ir mais longe.

SEGUE

**A**S missionárias guardam em sua despensa estoques de terçados, machados, foices, panelas, anzóis, linhas de pesca produtos muito cobiçados pelos índios. E procuram então levar os indígenas a tomar consciência do valor dos produtos e do trabalho, trocando terçados e facas por frutas, cestas, arcos, flechas ou qualquer outro artigo que consigam produzir. Quando aquilo que eles oferecem não é suficiente para um terçado, por exemplo, os índios vão recebendo pequenas quantidades de dinheiro que devem juntar até chegar ao valor combinado. A presença dos garimpeiros veio complicar um pouco o sistema porque, pelo menos neste primeiro tempo, os catadores de cassiterita dão muita coisa de graça.

A uma hora e pouco da missão, encontramos uma aldeia que abriga cerca de 120 fenamatheri. São índios do grupo yanomami. Mas, segundo os seus costumes, os indígenas de uma aldeia recebem um nome particular derivado da região onde estão instalados. Como aquela aldeia está situada à beira do igarapé Fenama, os habitantes foram chamados de fenamatheri. A maloca é um conjunto de duas construções circulares concêntricas, de pau-a-pique. O grande corredor que fica situado entre as duas carreiras circulares de pau-a-pique é coberto de palha: é ali que moram os índios. Há sempre uma preocupação de defesa na construção das malocas porque aqueles grupos vivem praticamente em estado de guerra permanente contra outras tribos. Uma mulher de um índio fenamatheri havia fugido com um lokotheri. Os dois grupos estavam em luta. De outra vez, os coamatheri haviam preparado feitiço contra um habitante do Fenama que realmente morreu, pouco depois, picado vários vezes por uma cobra venenosa. Os heróis dessas guerras são os mais assíduos freqüentadores das **grotas** do garimpo.

**A**PESAR de bons guerreiros, aqueles índios de olhos esverdeados demonstram um comportamento bastante estranho. Enquanto uns exibem modos altamente efeminados, outros fazem em público gestos libidinosos que evidentemente aprenderam em contato com os civilizados. Puritanas e ingênuas, as missionárias não percebem este tipo de coisas. Repetindo um erro secular, assim que se instalaram na serra elas distribuíram aos índios retalhos de pano vermelho, para que eles pudessem cobrir o sexo. Em uma das casas vazias da missão tivemos nossa noite mal-assombrada. Na realidade,



**As duas missionárias da Missão Evangélica da Amazônia estão empenhadas em transmitir aos índios a cultura religiosa branca.**

tratava-se apenas de um morcego mais afoito que resolvera, de madrugada, nos irritar com seus vôos rasantes. A umidade no planalto chega a molhar as redes, o que também é bastante incômodo. De volta a Boa Vista, em uma conversa mais longa com o delegado da Funai, o gordo e bem-humorado José Carlos Alves, este explicou que estava em Roraima havia apenas dois meses. Viera do município de Barra do Garça, em Mato Grosso, onde era o chefe do posto indígena Areões. Habitado a lidar com os altivos xavantes, ele se confessava bastante surpreso com a humildade daqueles índios macuxis já aculturados: "Dá uma tristeza danada ver a que ponto chegaram esses índios. Eles têm vergonha de ser índios. Aqui a gente tem que começar tudo de novo, levando-os a descobrir antes de mais nada sua própria dignidade."

A população indígena do Território de Roraima chega a uns 22 mil índios que provêm de três troncos principais: **carib**, **arawak** e um terceiro ainda desconhecido. Os macuxis pertencem ao grupo **carib**, remanescente das populações primitivas que povoavam as costas do Atlântico entre as Guianas e o golfo do México. Os macuxis, cerca de 8 mil, estão espalhados por todo o território, mas já totalmente integrados no mundo dos brancos. Ao mesmo grupo pertencem também os taurepangs, em número de 1.500, os ingaricós e os maiongongs, ainda não totalmente recenseados. Os **wapixanas** (3 mil), também em sua maioria aculturados, pertencem ao grupo **aruak**. Mas além dos wapixanas, existem também, do mesmo tronco, os **wai-wai** e os **waimiri-atroaris**, em número ainda ignorado porque não mantêm contatos permanentes com a civilização. Os xirianas aculturados

— cerca de 1.500 — e os primitivos yanomamis — aproximadamente uns 6 mil — têm uma origem ainda muito discutida.

No princípio do século XVIII, os índios de Roraima eram caçados e aprisionados pelas chamadas **bandeiras de resgate**. Com o correr do tempo os métodos mudaram um pouco mas continuam muito longe do ideal preconizado pelos indianistas.

**D**EPOIS de catequizados, os índios são aceitos na sociedade local para trabalhar nas fazendas, em serviços domésticos, ou servindo de guias para contatos com outros grupos indígenas ainda isolados. Os índios aculturados de Roraima estão perdendo todas as características essenciais de sua cultura, num esforço estúpido para se adaptarem a uma civilização que não é a deles. Os macuxis integrados na sociedade roraimense são discriminados a ponto de o próprio termo macuxi ter uma conotação pejorativa em Boa Vista. No hotel, os recepcionistas de origem indígena ficavam constrangidos cada vez que se puxava conversa sobre índios. Diante de uma falha mais grave no serviço, o **maitre** logo procurava uma desculpa: Sabe, como é, as serventes são macuxis... O problema é de tal gravidade que alguns se renegam como índios. Ninguém os preparou para uma assimilação mais racional. Por isso, eles temem as condições de comércio e sobrevivência e se sentem ainda mais oprimidos e inferiorizados, diante dos meios de comunicação da sociedade dominante. O idioma nativo é ridicularizado, ao ponto de ser qualificado como giria entre os cidadãos roraimenses. O chamado homem civilizado se apresenta

sempre como o mais forte, impondo ao índios uma cultura tecnológica, sem o menor sentido de participação. Até mesmo ao nível dos responsáveis pela administração local se pode encontrar com relativa freqüência o velho preconceito segundo o qual os índios são "um entrave ao progresso".

Consciente do problema como delegado da Funai, José Carlos procura manter os índios primitivos afastados dos núcleos civilizados, levando-os a uma consciência plena de sua própria identidade, para prepará-los aos poucos para o contato com a sociedade moderna, sem os grandes impactos e erros do passado: "Eles precisam sentir orgulho em serem índios, aceitando a nova cultura em termos de intercâmbio, pois a sua própria cultura está adquirindo um valor de exemplaridade cada vez maior, em meio à crise ecológica pela qual estamos passando. Tudo isto, sem falar nos aspectos antropológicos e propriamente científicos da questão." À frente de uma equipe jovem, dotada de uma nova mentalidade mesmo dentro da própria Funai, o delegado regional de Roraima faz um apanhado geral da situação naquela região:

"Aqui os atritos provocados pelas invasões de terras que pertencem aos índios são constantes. Somente na reserva indígena Fazenda São Marcos, existem uns 35 criadores de gado. Ernesto Gomes é o maior invasor, possuindo três fazendas e umas seis mil cabeças de gado dentro dessa área. O problema da falta de respeito à pessoa, à cultura e à própria religião do índio é agravado pela comercialização de seus produtos por parte dos **marreteiros** que os habitam intencionalmente ao consumo de bebidas alcoólicas. Por outro lado, a dispersão das malocas espalhadas pelo território — em número de quase 200 — dificulta a assistência médica e social. Como primeira solução, estamos propondo que determinadas áreas sejam transformadas em reservas, onde pretendemos agrupar as malocas menores, instaladas em terras improdutivas. Mas a escolha definitiva dessas áreas fica subordinada a um grupo de trabalho interministerial, que deverá ditar também a política a ser seguida.

**E**vidente que os índios serão chamados a participar na escolha dessas novas áreas onde serão instalados. Também é importante a criação de uma cooperativa essencialmente índia, à qual a Funai fornecerá apenas uma orientação geral." A Fazenda São Marcos é a reserva indígena mais antiga do Brasil.

# fazendo com que eles percam sua própria identidade

Doador pelo Império, em 1850, é a única garantida por decreto no Território de Roraima, e abrange cerca de 1.940.000 hectares de terras, que vão desde o local onde se encontra o rio Uaricoera com o Branco, até a zona montanhosa na fronteira norte com a Venezuela. Lá existem cerca de 3.000 índios aculturados e 7.000 cabeças de gado. Atualmente, a criação segue um método mais racional, sob a orientação do agrônomo Mário Rodrigues Braga. Mas, há três anos, os bois eram criados soltos no mato. Vaqueiros, tratoristas, artesãos que fabricam selas e arreios, lavradores e até os empregados dos serviços de escritório, todos são índios. Novas técnicas agrícolas já estão sendo introduzidas no cultivo das frutas e hortaliças. Antes da chegada do atual administrador, os macuxis da Fazenda São Marcos viviam permanentemente bêbados, em

estado de total indolência, enquanto os fazendeiros iam instalando pastos, currais e até campos de pouso dentro de suas terras. A Funai está começando a se livrar lentamente dos invasores, expulsando-os da área com muita diplomacia, e indenizando-os pelas eventuais benfeitorias realizadas nessas terras que eles terão de abandonar.

**E**NTRE as 160 aldeias indígenas recenseadas em Roraima, a Maloca do Raposa é considerada como a mais desenvolvida. Habitada por cerca de 350 macuxis, ela já constitui uma pequena vila, com ruas, casas enfileiradas cobertas de palha, paredes de taipa bastante bem feitas, escola, pracinha, capela e três carros de boi. Fica próxima à fronteira com a República da Guiana e possui um posto indígena chefiado

por Jimas Valençais. Catequizados por missionários beneditinos, os índios do Raposa haviam perdido praticamente todos os traços originais de sua cultura, até mesmo as festas mais tradicionais. Para reconstituir esses traços, Jimas Valençais teve que recorrer à índia mais velha da aldeia, pedindo que ela ensinasse aos jovens macuxis alguns rituais do passado. O tuxaua Agostinho, filho de José Viriato Raposa, recorda seus tempos de menino:

"Eu nunca usei tanga. Mas meu pai só usava isso. Naquela época não existia gado nem plantações. Também não se conhecia o sal. Mas a civilização foi chegando. Papai se batizou com 35 anos. O padre daqui não gostava de festa macuxi. Ensinou o povo da aldeia a rezar e fez todos os macuxis se tornarem católicos. Meu pai andava dois dias a pé para ir rezar e contar seus

pecados ao padre, em Santo Inácio." Preocupado em não deixar morrer o idioma nativo, o chete do posto indígena da maloca está preparando um professor bilíngüe que possa alfabetizar aqueles índios tanto em português quanto em macuxi. A Secretária de Educação mantém escolas primárias em 49 malocas nas quais 50% dos professores são índios. Na Vila Surumu, situada a 200 quilômetros ao norte de Boa Vista, a Missão da Congregação da Consolata possui um colégio muito bem instalado, com curso completo do primeiro grau, e que pode receber até 200 alunos em regime de externato. São em geral filhos de fazendeiros, caboclos, índios integrados e garimpeiros. Há 70 pequenos macuxis semicivilizados, que vieram de vários pontos do território e que ali são formados, em regime de internato, para serem futuros líderes de suas tribos. Mas os métodos de formação desses líderes, como futuros catequistas, são totalmente separados de suas origens culturais e recebem uma mensagem totalmente estranha a suas próprias raízes.

Abaixo do monte Roraima, que é o ponto mais setentrional e um dos mais altos do Brasil, com seus 2.875 metros, estão os índios ingaricós, que habitam a serra do Sol, onde um pastor da Assembléia de Deus quer lhes ensinar o "caminho da salvação". Mas a Funai o descobriu e proibiu sua permanência entre os índios. No seu lugar, haverá um posto que será confiado ao sertanista Sebastião Amâncio. No extremo noroeste do território, no Alto Auaris, os maiongongs — de cultura mais avançada — acham que seus vizinhos, os primitivos sanumás, nasceram do pó da sombra deles.

**N**A reserva dos waimiri-atroaris, região dos rios Abonari e Alalaú, o clima continua tenso. Não nos foi permitido ir até lá. Como consolo vimos e pegamos algumas flechas usadas pelos índios guerreiros que não se curvam à civilização. As pontas das flechas são de metal, confeccionadas dos presentes deixados pelos sertanistas no meio da selva, como tática de atração. Em uma delas, feita de lâmina de um terçado, ainda se podia ler a sigla da Funai. As flechas dos waimiri-atroaris fazem parte da exposição de artesanato indígena, existente na sala do comandante do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção, em Boa Vista. Mas ficou-nos a frustração de não poder conhecer de perto os índios valentes, que permanecem, à entrada do Brasil, no mesmo estado de cultura dos tempos do descobrimento.

